Estranho

Antônio Augusto **Bueno**¹

Lembro do dia em que Gaudêncio Fidelis me fez uma visita com o convite para integrar uma exposição de arte brasileira no Santander Cultural, Porto Alegre. Após explanar sobre o conceito curatorial da *Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, disse que meu trabalho faria parte do viés estranho no horizonte conceitual *Queer*.²

Essa lembrança me fez recordar de uma outra vez em que ele esteve no Jabutipê, meu atelier, e escolheu peças para integrarem o acervo do Museu de Artes do Rio Grande do Sul, durante sua gestão como diretor do Museu.

Nessa ocasião, ele andava em meio aos espaços labirínticos do atelier e, quando em vez, pegava algumas pequenas esculturas de cerâmica na mão e dizia: - “Mas isso é muito estranho”.

Para a exposição *Queermuseu: Cartografia da Diferença na Arte Brasileira*, Gaudêncio escolheu cinco esculturas minhas. Quatro delas da *Série Cabeças*, que fiz no período que ainda estudava no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Eram cabeças deformadas, assim como os desenhos, pinturas e gravuras que então eu costumava fazer. “*Cabeças-armadilhas para um significado*” foi como chamei meu trabalho de conclusão de curso em desenho, que logo depois foi minha primeira exposição individual de desenho no Museu do Trabalho.

Essas *cabeças*, tanto tridimensionais como bidimensionais, eram sempre deformadas com um excesso de linhas feitas com o grafite sobre a tela ou com o esteco no barro. Essa deformação na figura humana tinha também a intenção de fugir da representação de um único padrão, de uma única forma de beleza. Esse padrão que hoje é reproduzido nas imagens que fazem parte do nosso dia-a-dia, não deixando espaço para tudo que é diferente, em uma época de marginalizados e excluídos.

¹ Artista plástico. Atelier Jabutipê, Porto Alegre.

² Nota da Organizadora: Texto original especialmente convidado para compor a Sessão de Ensaaios *Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*.

Talvez um pouco dessa intenção continue nos atuais trabalhos que tenho feito, quando acompanho a deterioração de alguns elementos da natureza, fotografando a passagem do tempo em frutas, destacando fungos e mofos. A cor da laranja não é apenas a cor laranja, nem o abacate é sempre verde como estamos acostumados a ver nas fruteiras. Também pode existir beleza no seco, no murcho, no que está se decompondo...

O quinto trabalho escolhido por Gaudêncio é uma escultura maior, feita com ferro soldado e três peças de cerâmica, duas delas suspensas por dois fios de arame enferrujados. Fiz essa escultura para uma exposição no Museu Histórico de Santa Catarina, pensando também em facilitar o transporte para Florianópolis, pois na época, para a viagem, coloquei as três peças de cerâmica na mochila e a estrutura de ferro no bagageiro do ônibus.

Já no contexto da *Queermuseu*, vivi pela primeira vez a experiência de uma grande produção, com uma equipe de transporte e museóloga para orientar o deslocamento das esculturas do meu atelier até o espaço do museu, incluindo seguro e contrato para o empréstimo delas. E durante os dias de montagem pude passar parte de uma tarde junto com Gaudêncio percorrendo a exposição e ouvindo ele comentar o conceito curatorial e de montagem do conjunto expositivo, trabalho por trabalho. Obras de grandes artistas da história da arte brasileira, como Ligia Clark, até um retrato fotográfico de Ney Matogrosso da época dos Secos e Molhados.

Poucos dias depois houve a abertura, com uma quantidade de convidados e visitantes, cuja magnitude não lembro de ter visto antes aqui em Porto Alegre. Na inauguração, percorri a exposição e fiquei conversando com colegas e amigos, deixando para ver tudo atentamente e com calma num segundo momento. Segundo momento este que não ocorreu, uma vez que a exposição foi interditada. Não pude acreditar, mas logo veio uma infinidade de matérias na imprensa e, mesmo passados vários meses, os comentários continuam até hoje. E ali estava eu, diante de um fato que pensei que nunca iria presenciar, muito menos participar de uma exposição censurada, uma vez que fui criança nos anos de 1970 e quando comecei a me dar conta de algumas coisas o país já estava em processo de redemocratização, com campanha para eleições diretas e anistia de políticos e artistas. Na medida em que o processo democrático avançava, os filmes e

programas de TV deixavam de ter legendas “censura livre” ou “impróprio para menores de 14, 16 ou 18 anos”.

É triste, muito triste ver esse cenário de golpes políticos e culturais, onde assustadoras formas de conduta se tornam naturais e rapidamente aceitas por boa parte da população.

Imagem 1 – Sem Título, 2005

Imagem 2 – Sem Título, 2010

Imagem 3 – Sem Título, 2008

Imagem 4 – Sem Título, 2006

Imagem 5 – Sem Título, 2010